

Erro Irreparável

O presidente José Sarney admitiu que a moratória na dívida externa foi “o maior erro” de seu Governo, e é esse erro que o ministro da Fazenda se propõe a reparar, devolvendo racionalidade ao relacionamento do Brasil com o exterior, depois de uma longa e custosa noite de polarização ideológica.

Ainda está certamente fresca na memória dos brasileiros a argumentação usada pela Fundação Pedroso Horta, o órgão pensante do PMDB, no qual os segmentos mais radicais desse partido se apoiam. A Fundação transformou a moratória em arma política insubstituível, pregou a intolerância no debate com os bancos credores e apostou em frutos positivos dessa estratégia que os brasileiros desconhecem.

Pois o que nos trouxe a moratória, na verdade? Primeiro, a recessão expressa na queda média do nível de atividades industriais, mês a mês, em torno de 3%, desde o último trimestre do ano passado. Segundo, o desemprego, principalmente nas regiões industrializadas, com estimativas de que apenas em São Paulo 25 mil postos de trabalho serão perdidos neste trimestre. Terceiro, os mais elevados índices de inflação da nossa história econômica. Quarto, o desinvestimento de capital fixo pelas empresas estrangeiras, seguido pela completa paralisação dos investimentos fixos de fontes externas, que no passado chegaram a representar 25% da formação bruta de capital para aplicações a longo prazo.

Em termos numéricos brutos as perdas com a moratória foram estimadas pelo governo em 710 milhões de dólares, 550 dos quais decorrentes do *imbroglio* em que se transformou o relacionamento com os bancos, e outros 150 milhões pelo encarecimento de

linhas de curto prazo. Os prejuízos indiretos, porém, são incontáveis.

Em linhas voluntárias de crédito o país perdeu cerca de 600 milhões de dólares. Teve que socorrer os bancos privados brasileiros no exterior e atrasou o cronograma de desembolso de créditos institucionais baratos de longo prazo para investimentos em infraestrutura, como aconteceu com os programas de geração e distribuição de energia elétrica. A fama de mau pagador ou simplesmente de inadimplente — que se espalhou sobre o Brasil — contaminando suas empresas, encareceu os *spreads* (sobretaxas), a um custo estimado em cerca de 140 milhões de dólares.

Trocando crédito mais barato por crédito mais caro, e investimentos mais bem remunerados por aplicações institucionais, o Brasil colheu entre a brava-ta da declaração da moratória, no início do ano passado, e este ano, os piores resultados da história de sua economia externa.

Aqueles que empurraram o país para o fosso ideológico deixaram o governo, e passaram adiante as responsabilidades. Os erros que foram cometidos contra o país e seus interesses econômicos são muito graves para que possam ser esquecidos e perdoados. Numa nação onde a impunidade se torna regra, a única maneira de defender os legítimos interesses dos cidadãos é o fortalecimento de uma consciência coletiva em torno do que melhor serve à nossa economia. Certamente não é o modelo autárquico para o qual tentaram empurrar o país, com a moratória como cavalo de batalha. Os destroços por ela deixados devem servir de exemplo a quem ainda pretender embarcar na mesma canoa.